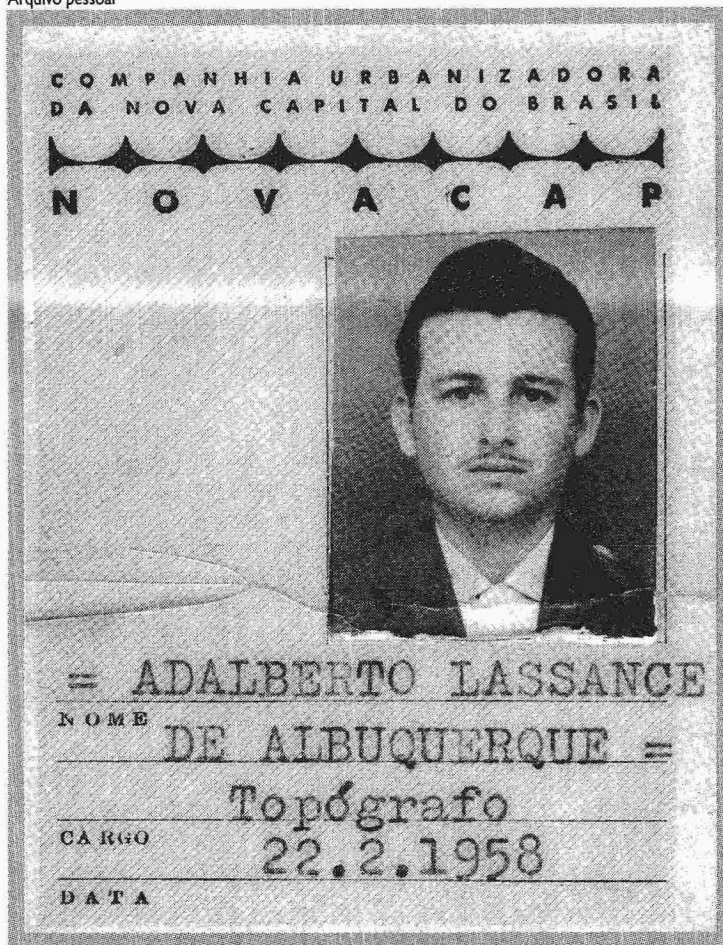


Os limites de Brasília palmo a palmo

Arquivo pessoal



ADALBERTO GUARDA COM
ORGULHO A CARTEIRA DA
NOVACAP, DE 1958

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O contorno geográfico de Brasília, obtido com a demarcação do terreno, tem a precisão e o traço minucioso deste pioneiro, que, desde os primórdios da construção da cidade, se empenhou na elaboração e no desenho dos inúmeros projetos cartográficos da nova capital.

A chegada do topógrafo Adalberto Lassance de Albuquerque à cidade aconteceu em 7 de fevereiro de 1958 e ficou gravada em sua memória. Debaixo de uma chuva torrencial, muita lama e depois de empurrar por várias vezes seguidas a jardineira que o trazia, ele se rendeu ao cansaço. No meio da escuridão, atraído pela luz do Petromax — o melhor e mais moderno lampião a gás da época — ele seguiu até o Hotel Batatais, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), para um merecido repouso.

Ao entrar no hotel, foi logo reconhecido pelo colega de turma da 3ª série do Ginásio Arquidiocesano do Planalto, localizado em Formosa, considerado o melhor das redondezas.

Não era a primeira vez que o pioneiro pisava o cerrado. Ele estivera na região anos antes, acompanhado da família. O pai de Lassance, o veterinário Julio Brandão de Albuquerque, foi responsável pela construção de uma fazenda em Planaltina de Goiás, atual cidade-satélite, onde hoje está a Embrapa. Antes disso, a

família chegou a morar em Goiânia, onde o pai foi diretor de uma fazenda-modelo.

Com uma carta de recomendação na mão, escrita pelo pai, Lassance saiu em busca de trabalho nos canteiros de obra da nova capital. A carta tinha um endereço certo: Bernardo Sayão, engenheiro e amigo de seu pai — os dois chegaram a se hospedar na casa do engenheiro em Goiânia e na colônia agrícola de Ceres, cidade que Sayão fundou. Após uma conversa informal

com o motorista do engenheiro, o topógrafo mudou de idéia e resolveu arranjar trabalho por conta própria.

O movimento e a quantidade de gente nos acampamentos da Novacap atraíram o candango, que mais uma vez foi reconhecido por outro colega de turma do ginásio, que o apresentou ao pessoal da Novacap. A sorte estava do seu lado. E foi lá, na Divisão de Engenharia Rural do Departamento de Terras e Agricultura da Companhia Urbanizadora da

Nova Capital, que ele deu início a uma brilhante carreira.

Seu primeiro e talvez mais desafiante trabalho na capital federal foi o desenho do projeto da estrada de ferro que ligaria São Paulo a Brasília, que mais tarde daria forma a um outro projeto: o do Park Way, que também passou pelas mãos do pioneiro. A insegurança de Lassance diante da incumbência só não era maior que a responsabilidade pela realização do trabalho, que ele acabou tirando de letra. “Naquele dia em que fui designado para trabalhar no projeto quase não dormi. Passei a noite preocupado em como fazer para que o trabalho correspondesse às expectativas dos diretores”, lembra o funcionário da Novacap.

A preocupação dele foi tanta, que chegou a sonhar com uma solução. No meio da noite acordou repentinamente, levantou e, sob a luz de uma lamparina, anotou solução encontrada durante o sonho num papel. No outro dia, com o problema resolvido, deu continuidade aos desenhos da ferrovia da nova capital. Sob os festejos da inauguração, poucos anos depois, em 1968, os candangos assistiam à chegada do primeiro trem, conforme divulgado na imprensa da época: “Malas prontas, máquinas preparadas, cadernetas nas mãos, militares, fotógrafos, repórteres, todos começaram a ficar agitados na altura do quilômetro 20. Muita gente dos dois lados dos

trilhos. Gente do povo, endomingada, mulheres com crianças no colo, escolares com bandeirolas, homens que andaram de ônibus, de caminhão e de carro para saudar o primeiro trem, tão esperado por Brasília”.

O projeto de mapeamento do Park Way também data da chegada de Lassance — um de seus idealizadores — e foi construído obedecendo em grande parte os limites do traçado da ferrovia de Brasília.

Foi durante os trabalhos de elaboração da planta do Park Way que o pioneiro vivenciou um dos momentos mais importantes e cômicos desde a sua chegada à capital. “Depois de passar horas e horas em cima daquelas pranchetas, levamos a planta para a aprovação e assinatura de Israel Pinheiro — então presidente da Novacap. Após analisar o projeto, ele pegou uma caneta bico-de-pena para assinar. A caneta furou o papel e sujou parcialmente o trabalho”, conta Lassance, que teve de refazer a planta juntamente com os colegas. Com uma gilete, eles raspavam algumas partes, mas o local onde a tinta foi derramada teve de ser mesmo refeito.

O topógrafo conta ainda que a planta do setor era tão grande que tiveram de levar a prancheta para o chão. A assinatura e a aprovação do projeto pelo chefe da Novacap compensaram todo o trabalho, e a planta não poderia ter sido lançada em data melhor: no dia da inauguração da rodovia Brasília-Anápolis.

Debaixo de uma grande chuva, o pioneiro chegou a Brasília em 1958. Trabalhou na Novacap, onde ficou responsável pelos projetos da estrada de ferro e do Park Way

“
DEPOIS DE PASSAR
HORAS E HORAS
EM CIMA
DAQUELAS
PRANCHETAS,
LEVAMOS A
PLANTA PARA A
APROVAÇÃO E
ASSINATURA DE
ISRAEL PINHEIRO
— ENTÃO
PRESIDENTE DA
NOVACAP. APÓS
ANALISAR O
PROJETO, ELE
PEGOU UMA
CANETA
BICO-DE-PENA
PARA ASSINAR. A
CANETA FUROU O
PAPEL E SUJOU
PARCIALMENTE O
TRABALHO”



ADALBERTO NÃO SE ARREPENDE
DE TER VINDO PARA BRASÍLIA,
ONDE FORMOU SUA FAMÍLIA E
MORA ATÉ HOJE

Resistência

As dificuldades da época não desanimavam o pioneiro que ficou os três primeiros meses de trabalho sem receber salários. A sorte mais uma vez esteve do seu lado. O colega de turma Jairo Mendes, que trabalhava no hotel, “a quem guarda imensa gratidão”, pendurou a conta do hóspede e garantiu a sua estada durante todo o período. Depois disso, Lassance tratou de mudar para as proximidades do local de trabalho — nos acampamentos da Novacap. “Era um apartamento de bom tamanho, destinado aos funcionários. Era muito bom. A companhia fornecia de tudo, travesseiro de espuma, colchão de mola e até as roupas de cama”, lembra.

A mudança para a quadra 32 da Fundação da Casa Popular — onde hoje é a 711 Sul, em maio de 1958, não diminuiu as dificuldades pela falta de infra-estrutura. Para buscar o pão, tínhamos que atravessar um mar de lama até chegar à Sacolândia, uma padaria de lona no meio do cerrado, onde também se criavam galinhas e porcos.

Com o passar do tempo, o crescimento da população local atraiu os vendedores ambulantes. Foi assim que Lassance comprou os primeiros móveis da casa, por meio de comerciantes de Minas e Goiânia que traziam as novidades mais quentes do mercado. “Eles apresentavam o mostruário para escolhermos, tiravam o pedido e só depois da chegada dos móveis é que assinávamos as promissórias”, explica.

Nascido em Blumenau, Santa Catarina, Lassance ficou pouco tempo na Novacap — cerca de um ano — mas deixou sua marca em inúmeras obras. O acadêmico do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal também integrava a equipe responsável pelos projetos dos Núcleos Rurais.

A saída da companhia não significou fim de carreira, pelo contrário, o pioneiro encontrou na Sobrasil — empresa de engenharia de Goiânia — a oportunidade de coordenar e elaborar a planta cadastral do Distrito Federal como cartógrafo. A desenvoltura e o profissionalismo de Lassance diante da elaboração de mapas,

plantas e projetos de mapeamento e de topografia na região o tornaram um estudioso e consultor de cartografia do Distrito Federal.

Foi por meio de suas palestras que o cartógrafo descobriu a idéia equivocada de professores, alunos e da imprensa sobre a organização política e administrativa de Brasília e do DF. O autor do livro *Brasília e Distrito Federal — Imperativos Institucionais*, lançado no ano passado, esclarece as principais dúvidas sobre os limites geográficos da região e adverte aos leitores: “Precisamos conhecer melhor o nosso território e suas particularidades, para legar à atual e às gerações futuras um entendimento correto sobre a história, a organização político-administrativa e institucional e as singularidades que são inerentes ao Distrito Federal e a Brasília”.

Casado com Lurdes Lassance, o defensor e entusiasta de Brasília considera sua mudança para a cidade a grande chance de sua vida. “Eu não sei o que seria de mim se não fosse a minha vinda para cá”, afirma o pioneiro.

Raio X

Nome:

Adalberto Lassance de Albuquerque

Idade:

66 anos

Origem:

Blumenau, Santa Catarina

Ano de chegada a Brasília:

1958

Profissão:

Funcionário público aposentado

Esposa:

Lurdes Lassance

Filhos:

Adalberto Jr., Guilherme e Maria das Graças

Netos:

Eduardo, Thaysse e Bárbara

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do *Correio Braziliense* Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL